

A pequena e refinada Mococa

Dos teatros de ópera aos monumentos de um mestre da escultura, a imigração italiana deu a uma pequena cidade do interior de São Paulo sofisticadas de uma metrópole

Texto e fotos Peri de Castro

Sob o sol forte do começo de tarde, um casal de namorados caminha de mãos dadas em busca de sombra. Um grupo de senhores joga conversa fora, nos bancos em frente ao parquinho. Um vira-lata se esparrama no chão do coreto, indiferente aos três garotos que praticam manobras de skate logo ao lado. A Praça Marechal Deodoro, em Mococa, a 266 quilômetros da capital paulista, tem igreja, sorveteria e todas as cenas que se costuma ver na praça central de uma cidade com cerca de 70 mil habitantes. Mas ela exibe uma preciosidade difícil de encontrar até mesmo em metrópoles: diante de um espelho d'água, recostada de maneira elegante, descansa "A Mulher de Mococa", monumento em bronze elaborado por Bruno Giorgi, um dos mais reconhecidos escultores que o Brasil já teve. Uma caminhada de dois quarteirões leva a outra obra do artista, "Fundadores de Mococa", no centro de um jardim da Praça Epitácio Pessoa. Em meio ao vaivém tranquilo dos moradores, já acostumados com a estátua, ela atrai menos olhares do que o furgão de cachorro-quente, mas nem por isso deixa de ser uma raridade. No país, apenas capitais como



Os visitantes de Mococa não devem se iludir com o clima tranquilo e outras características comuns a toda cidade interiorana: é um município fortemente influenciado pela cultura italiana por conta da imigração, possuindo construções elegantes de arquitetos vindos da Itália

São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília também contam com criações de Giorgi fora de um museu.

Em Mococa, os monumentos foram uma doação do escultor à cidade onde nasceu. Os pais dele, como tantos outros italianos, foram atraídos à região pela riqueza do café. A família se

mudou de volta para a Europa quando Giorgi ainda era criança, mas as homenagens do artista à terra onde viveu seus primeiros anos tornaram-se o exemplo mais visível de como a imigração italiana fez chegar a Mococa requintes de cidade grande.

As primeiras levas de imigrantes chegaram à região em 1890, quando uma estação de trem em Mococa passou a integrar as fazendas locais à estrada de ferro Mogiana – a via mais importante de escoamento do café do norte paulista. Enquanto alguns trens saíam da cidade carregados de sacas de grão, outros retornavam lotados de italianos dispostos a trabalhar na lavoura. Nas conversas entre os lavradores, dava para ouvir dialetos e sotaques de norte a sul do país mediterrâneo,

mas o de uma cidade em particular predominava. Por causa de um enorme terremoto, ao qual se seguiu, após 50 anos, um forte deslizamento de terra, boa parte dos moradores de Montemurro, na região sulista da Basilicata, se viu obrigada a buscar, ao longo de décadas, sobrevivência em outros lugares. Alguns pioneiros se instalaram em Mococa e chamaram os familiares, que, por sua vez, foram convidando outros conhecidos a se mudar. Logo estava formada no interior paulista uma reprodução em pequena escala do que havia sido a cidade antes das tragédias, com jantares regados a sopa, pão e música alta.

Também os italianos que trabalhavam na zona urbana encontravam formas de se lembrar da vida que tinham antes de vir ao Brasil. A

comunidade se reunia na *Societá Operaia di Mutuo Soccorso Nuova Italia*, no centro da cidade, para dançar, jogar bocha ou carteadado. Informalmente, os frequentadores chamavam a associação de *Doppo Lavoro* (depois do trabalho) e esperavam ansiosamente pelos dias de baile. Entre uma festa e outra, a rotina era de trabalho pesado em açougues, vendas e marcenarias. Na década de 1890, ainda no começo da imigração, já havia 42 armazéns em Mococa sob a administração de italianos. Experientes no comércio, os donos de alguns armarinhos levavam à cidade produtos sofisticados, antes restritos às maiores cidades do estado. Era em lojas como a “Demasi” ou a “Rossetti” que as mulheres dos fazendeiros abasteciam suas casas com pratarias portuguesas, porcelanas de Limoges e cristais Baccarat, ambos

renomados artigos franceses.

Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX, os cafeicultores experimentavam o auge da pujança econômica, motivo pelo qual demonstrar refinamento na vida doméstica fazia parte das extravagâncias permitidas a eles. Melhorar as construções onde moravam também entrou na lista de desejos dos abastados. Nessa tarefa, outros italianos tiveram papel importante. Em 1910, o arquiteto Gherardo Bozzani, nascido em Parma, chegou a Mococa para projetar e construir a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a pedido de uma família rica da região. Tão logo ele terminasse a obra, poderia partir, mas o entusiasmo da aristocracia local com as linhas da nova igreja encheu o arquiteto de encomendas. Bozzani agradava aos cafeicultores por ser formado em Milão e dominar os estilos em moda na Europa: o neoclássico e o *art nouveau*. Seus projetos deram ao centro da cidade uma feição europeia, semelhante à reproduzida em algumas construções paulistas. Na Praça Marechal Deodoro,



O arquiteto Gherardo Bozzani chegou da Itália, em 1910, para projetar a igreja do Rosário. Mas o sucesso de seu trabalho foi tanto que seus traços acabaram se espalhando por outras construções da cidade



O filho mais ilustre de Mococa é o escultor Bruno Giorgi. Acima, duas de suas obras: Fundadores de Mococa (que está na Praça Epitácio Pessoa), na qual Giorgi desejou representar os três pilares da fundação da cidade: o imigrante italiano, o caboclo e o fazendeiro; e Candangos (que fica na entrada da cidade)

conhecida como praça da matriz, onde hoje se encontra a “Mulher de Mococa”, é difícil não se surpreender com a sequência de casarões quase centenários. A conservação é impecável. Os moradores, alguns descendentes dos primeiros proprietários, raramente se deixam ser vistos nos grandes alpendres ou nos jardins generosos, mas ainda não esconderam as casas atrás de grades, o que facilita a observação das fachadas cobertas de detalhes. Uma das mais bonitas projetadas por Bozzani toma proporcionalmente toda a esquina e exibe janelas à altura dos olhos do pedestre. Acima delas, compridos janelões adornados por murais vazados abrem a casa para o exterior. No alto, entalhes

de rostos masculinos e femininos, ladeados por flores e folhas em alto relevo, encorajam quem ali passeia a parar e olhar para cima por alguns minutos. Para alguém acostumado à São Paulo antiga, as máscaras clássicas, usadas em outras obras de Bozzani, lembram as do Teatro Municipal ou as do Mercado, projetados por Ramos de Azevedo no mesmo período. Mais tarde, mestres de obra compatriotas de Bozzani passaram a imitar suas técnicas e a receber encomendas de famílias um pouco menos abastadas. A paisagem urbana de Mococa acabou permeada de construções



Até hoje, as fachadas dos estabelecimentos comerciais de Mococa denunciam a nacionalidade dos imigrantes que participaram da consolidação do município





**As casas das famílias mais ricas
construídas na época da imigração ainda
mantêm traços arquitetônicos sofisticados**

no estilo de Bozzani. Ele próprio estendeu sua permanência por mais de vinte anos, teve filhos na cidade e assinou projetos de prédios públicos importantes, como a Santa Casa de Misericórdia e o pórtico do Cemitério Municipal.

Esta última obra dá pistas de como a sociedade mocoquense valorizava o local onde enterrava os mortos. Assim como a cidade dos vivos, a dos finados ganhou contornos mais complexos pelas mãos dos italianos. A maioria dos imigrantes carregava a tradição de visitar com muita frequência o túmulo de parentes. Demonstrar fervor católico no cemitério era tão necessário quanto na igreja e, por isso, uma profusão de anjos e santos de mármore decora as alamedas. Um número incomum de estátuas em vestes greco-romanas denuncia que a influência neoclássica, frequente nas casas, também dava o tom das obras fúnebres – afinal, os artesãos locais tinham vindo do país de Dante Alighieri. Já as famílias ricas importavam da Itália peças inteiras esculpidas em mármore de Carrara.

Outra forma peculiar de mostrar devoção ao catolicismo era a participação intensa dos fazendeiros no concurso para escolher o café que seria doado ao Vaticano como prova de fé dos paulistas. As casas comissárias de Santos selecionavam amostras de todo o estado e enviavam à Europa 50 sacas do grão de melhor qualidade. O produto colhido em Mococa foi campeão por diversas vezes. Os títulos alimentavam o orgulho dos fazendeiros e

atraíam compradores como Ferdinando Giorgi, um ex-cônsul da Itália em Santos, que resolveu mudar de ramo e passou a atuar no comércio de café. De tempos em tempos, ele passava temporadas na cidade e, numa das viagens, levou a mulher para lá. Pouco depois, ela ficou grávida e deu à luz o menino Bruno Giorgi, em agosto de 1905. O garoto, que viria a ser o filho mais conhecido de Mococa, foi para a Itália, com os pais, em 1911, e só voltou 72 anos depois, já consagrado como figura fundamental da escultura brasileira no século XX.

Um filho querido se rende a Mococa

Bruno teve formação artística e humanística intensa, primeiro em Roma, onde estudou desenho, depois em Paris. Foi na capital francesa que ele mergulhou no estudo das técnicas de escultura e desenvolveu suas habilidades. Teve contato com artistas e políticos, envolveu-se em movimentos antifascistas e, por isso, acabou condenado a sete anos de prisão na ilha de Ponza, próximo a Nápoles. A pedido do embaixador do Brasil na Itália, foi libertado após quatro anos de pena e, após uma passagem breve por São Paulo, emigrou para a França. Mesmo em outro país, insuflou artistas europeus contra o fascismo e se ligou a grupos respeitados de pintura e escultura. Teve contato com o inglês Henry Moore e tornou-se aluno do francês Aristide Maillol, dois dos principais escultores do mundo naquele período. Essa longa experiência no exterior ajudou o brasileiro a desenvolver uma obra figurativa vigorosa, de traços mais clássicos, típicos de sua primeira fase. Eram esculturas em



Nas igrejas, a influência europeia está não só na arquitetura, mas também nos detalhes internos

que a representação do corpo aparecia de forma clara, evidente, até mesmo sensual. Temas sociais também despontavam com frequência e refletiam a politização da própria vida do artista. No entanto, a trajetória de Giorgi mudou bastante com o retorno ao Brasil em 1939 – pressionado a isso pela iminência da 2ª Guerra Mundial. Em São Paulo, o escultor se juntou ao Grupo Santa Helena e à Família Artística Paulista. O convívio aprofundou suas experimentações. A convite de Gustavo Capanema, ministro da Educação na ditadura de Getúlio Vargas, mudou-se em seguida para o Rio de Janeiro, depois de ter vencido um concurso para criar o “Monumento à Juventude Brasileira” nos jardins do Ministério da Educação e Saúde, no centro do Rio. A obra tornou-o conhecido e contribuiu para que ele se fixasse na capital federal.

Quando Bruno começava a experimentar a fama, um mocoquense cruzou seu caminho e deu início à reaproximação do artista com a cidade onde nascera. O jovem Carlos Alberto Paladini tinha ido ao Rio para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Um dia visitou uma exposição de Giorgi e, ao ver o artista, apresentou-se e contou que era seu conterrâneo. Ganhou um abraço, engatou uma conversa e logo os dois ficaram amigos.

“Muitos anos depois, eu disse a ele que não concordava com uma entrevista dele à revista *Manchete*, em que ele dizia ser de Mococa, a Cidade Encanto. Se desde criança ele nunca tinha voltado para lá, como podia saber que era a Cidade Encanto?”, diverte-se Paladini, fazendo referência ao apelido criado pelos moradores mais velhos.

Artista plástico, historiador e autor de um livro sobre a comunidade italiana em Mococa, ele se lembra de Bruno como um defensor contundente das próprias posições políticas, mas tranquilo no jeito de contar histórias. Sempre que se encontravam, Paladini insistia para que o amigo fosse visitar a cidade de ambos. A campanha pessoal deu resultado só em 1983, quando Giorgi



O também artista e amigo de Giorgi, Carlos Alberto Paladini, insistiu para que o escultor voltasse a Mococa, depois de anos vivendo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1983, a visita aconteceu

e a mulher, a portuguesa Leontina, passaram alguns dias na região. O casal se hospedou no local em que um dia funcionara o Hotel Terraço, onde Bruno havia nascido 76 anos antes. Todos os dias, Paladini encontrava-os de manhã na porta do hotel e os levava para caminhar. Num desses passeios, depois de terem lentamente percorrido a praça matriz, com suas árvores antigas e seus casarões luxuosos, Giorgi deixou escapar a confissão de que o amigo estava certo.

“Ele disse ‘escuta uma coisa, uma cidade que tem uma praça como esta, um coreto como este e uma banda centenária como a Filarmônica só pode ser a Cidade Encanto!’”, afirma Paladini, sem esconder um certo orgulho.

Leontina, a mulher de Giorgi, lembra da emoção do escultor ao rever a cidade. “Quando ele saiu do país, Mococa ficou para ele como uma raiz, era a referência dele do que era o Brasil. Foi um retorno importante”, conta.

Ela diz que a ligação com a cidade resistiu inclusive à mudança para o Rio de Janeiro. “Ele começou a torcer pelo Bangu só porque um dos jogadores do time tinha o apelido de Mococa”, diverte-se.

Em outro passeio, dessa vez pela Praça Epitácio Pessoa, surgiu a inspiração de Bruno para a escultura “Fundadores de Mococa”. Os dois artistas estavam parados numa ponta da praça, de frente para o local onde a cidade havia sido fundada, e conversavam sobre a história da região. Giorgi foi criando na cabeça o plano inicial para uma escultura com os três pilares da fundação da cidade. Ele queria incluir o caboclo, o fazendeiro e o imigrante italiano. Quando voltou ao Rio, modelou em gesso a escultura, como fazia antes de esculpir o bronze, e ligou para o amigo.

“Ele disse para eu dar uma chegada ao Rio de Janeiro e ver se eu estava gostando da escultura, imagina!”, diverte-se Paladini.

Concluída em 1987, a obra foi instalada no local imaginado por Giorgi. Assim como “A Mulher de Mococa”, ela evidencia um dos papéis mais importantes do artista no cenário brasileiro, o de tornar visível a escultura monumental, pensada para o espaço público. Os trabalhos também apontam para a capacidade do artista em não se restringir a um único movimento. Dos anos 50 aos 70, por exemplo, Giorgi atravessou duas fases bastante diferentes da inicial, focadas na simplificação e na distorção da forma. Isso fica evidente em figuras como “Meteteoro”, uma das suas obras-primas, elaborada para o espelho d’água do Palácio do Itamaraty, em Brasília. Mais adiante,

porém, ele retomou características da primeira fase. Para Marcos Morais, mocoquense e coordenador do curso de Educação Artística da Faculdade de Artes Plásticas da Faap (Fundação Armando Álvares Penteado), as peças expostas na cidade onde o



Mais um símbolo do esmero dos imigrantes em dar à cidade um ar europeu é o Cine Theatro Central (hoje Teatro Municipal), erguido em 1925

artista nasceu mostram o retorno a questões sociais presentes em trabalhos anteriores, como a maternidade e o papel da mulher.

“É evidente um olhar sobre os mesmos temas, mas ele não volta simplesmente à figuração. A representação fica mais suavizada, distorcida”, explica o professor.

Mococa se rende a um filho querido

Em frente à “Mulher de Mococa”, e com fachada em estilo neoclássico, um prédio de 1925 resiste como evidência de outro requinte ligado à imigração. O Cine Theatro Central, hoje Teatro Municipal, era um dos três espaços onde



A Filarmônica toca aos domingos na praça principal. Nas décadas que se seguiram imediatamente à imigração, o repertório era rico em operetas. “Saía briga quando alguém criticava uma música que a italianada gostava de ouvir. Eles diziam ‘você não tem alma, não tem coração’”, lembra Carlos Spina, atual maestro da orquestra

grupos nacionais e internacionais de teatro se apresentavam na cidade, tradição que se firmara desde o fim do século XIX. Ele tinha uma ampla divisão interna, com frisas, camarotes, galeria e espaçosos camarins. Junto ao palco, havia uma tela, que permitia aproveitar o espaço também como cinema. Simultaneamente ao Central, funcionava em Mococa o Teatro Variedades, ainda mais antigo e luxuoso. Os grã-finos da região acomodavam-se em cadeiras austríacas para assistir a atrações como a Companhia Italiana de Operetas e a Companhia Dramática Italiana. O próprio responsável pela construção do teatro, Pasquale Luigi Gagliardi, era italiano - nascido justamente em Verona, cenário para uma das peças mais conhecidas de todos os tempos, “Romeu e Julieta”. Por fim, o público era composto em boa parte por imigrantes, que representavam 40% da população e adoravam uma boa ópera. Antes mesmo de o Teatro Variedades existir, Mococa já recebia espetáculos desse tipo, no primeiro grande teatro da cidade, o São Sebastião. Companhias do Brasil ou da Itália que se apresentavam em São Paulo e Campinas faziam também uma parada em Mococa.

Com o passar do tempo, a ópera ganhou ainda mais espaço. Graças à banda que também encantou Bruno Giorgi, a tal Filarmônica de Mococa, apresentações de música clássica e popular eram feitas no meio da Praça Marechal

Deodoro. O repertório precisava incluir algumas operetas para fazer sucesso.

“Saía briga quando alguém criticava uma música que a italianada gostava de ouvir. Eles diziam ‘você não tem alma, não tem coração’”, lembra Carlos Spina, atual maestro da Filarmônica. Dos seus 79 anos de vida, ele passou 68 como integrante da orquestra. Assumiu a regência há 25 anos e deu impulso a uma escola de música que forma membros para a banda. Nos fins de semana, ele repassa o programa das apresentações num salão já apertado para os 27 integrantes, sem falar no espaço dominado pela tuba. Apesar do nome pomposo e dos 118 anos de fundação, a Filarmônica Mocoquense transita por um repertório descontraído de dobrados, valsas e marchinhas. Os músicos têm em sua maioria vinte e poucos anos, trabalham e estudam, e ainda ganham uma ajuda de custo para se dedicar à orquestra algumas horas por semana. Quando eles ensaiam, a porta do salão fica aberta para a rua, e quem

passa vai encostando-se nos cantinhos para ouvir em primeira mão o que eles vão tocar às 8 horas da noite de domingo, no coreto da praça. O horário é calculado para não concorrer com a missa da igreja matriz, uma hora antes.

Ainda assim, há quem prefira aproveitar outra atração da cidade, o Cine Mococa. Instalado há cinquenta anos numa travessa da praça principal, ele resiste à redução de público que obrigou os cinemas de cidades vizinhas a fecharem ou a se fragmentarem em espaços menores. A única sala do Cine Mococa conta com 700 lugares (quase três vezes a capacidade de uma sala média de shopping) e um telão de 18 metros de largura. Ele conserva também o charme dos antigos cinemas de rua. A fachada e o luminoso da entrada são tão típicos da época, que a sensação é a de estar diante de um cenário. Painéis de Carlos Alberto Paladini, o artista amigo de Bruno Giorgi, decoram as paredes da enorme sala de exibição e, nas catracas, o homem que fez parte da fundação do local ainda recebe, um a um, os espectadores. José Antonio Lippi é testemunha de mais um requinte de metrópole na cidade interiorana. Seu primeiro trabalho em meio a ingressos e rolos de filmes foi no Cine Central. Quando este fechou e a cidade ficou sem cinema, o padre Haroldo Ribeiro reuniu fazendeiros da região e os convenceu a financiar um projeto ambicioso. A nova sala deveria ter o porte e a elegância das que existiam na capital.



O Cine Mococa, que já foi um dos maiores do estado, hoje resiste com dificuldades à vertiginosa redução de público. José Antonio Lippi é o operador desde a fundação, há 50 anos

De fato, quando o Cine Mococa foi inaugurado, era um dos maiores do estado. Lippi logo foi chamado para ser o operador e o responsável pelo equipamento de projeção. Enquanto montava os filmes e manejava dois projetores a carvão da marca francesa Simplex, ele aproveitava para dar uma espiada no comportamento da plateia. Em sessões de comédias do Mazzaropi, sabia que a sala ia lotar. Os filmes italianos também enchiam a casa e rendiam uma cena curiosa. Boa parte da plateia, nesses dias, era formada por famílias de imigrantes e descendentes. Em alguns trechos, eles morriam de rir, enquanto os brasileiros olhavam sérios para eles, sem entender por que riam.

“Os italianos diziam que os filmes eram cheios de palavrões que não apareciam na legenda em português. Eles entendiam o que cada um significava, mas os brasileiros, não”, conta Lippi.

Ele também não ousava discutir sobre a beleza das atrizes. Sabia que a preferência geral era pela italiana Sophia Loren, mas, discretamente, ele admirava mesmo eram os olhos de Elizabeth Taylor.

Embora revelasse algumas diferenças entre italianos e brasileiros, o Cine Mococa ficou na memória de alguns como o primeiro onde ricos e pobres da cidade sentavam-se lado a lado. Nos cinemas e teatros mais antigos, os espectadores sabiam, implicitamente, que as fileiras da direita eram para os endinheirados. Os espectadores mais humildes ocupavam só as frisas ou a geral.

“Eu era da turma dos descalços, por isso, tinha vergonha de sentar ao lado dos ricos. Existia uma discriminação social terrível em Mococa”, conta Mario Zamarian, morador da cidade há 72 anos. Filho de italianos de Montemurro, Mario ajudava na fabriqueta de artigos de couro da família e, ironicamente, não tinha muito dinheiro para sapatos novos. Os chicotes e tranças de couro dos Zamarian aos poucos conquistaram clientela, e a família foi melhorando de vida. Passaram a vender maletas e fizeram ainda

mais sucesso. Mario estudou, tornou-se jornalista e escreveu para publicações como os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Após décadas de carreira, assinou um livro de “causos” sobre Mococa. No dia do lançamento, a Filarmônica



Mario Zamarian, filho de italianos e morador de Mococa, tornou-se um de seus cronistas lançando um livro de “causos” sobre a cidade. Sua família produzia artigos de couro, como a maleta que ele segura, na foto

Mocoquense estava na porta da Biblioteca Municipal, pronta para tocar em sua homenagem. “Senti uma emoção forte desde aquele momento”, ele relembra. Quando entrou na biblioteca, a sala estava lotada de amigos. Recebeu uma salva de palmas, abraços e carinhos sem ter fim. Durante a festa, mais de 300 pessoas apareceram para cumprimentá-lo. Dono de uma das típicas histórias de superação, comuns a tantas famílias de imigrantes, o cronista de Mococa tornou-se um dos melhores personagens da cidade.